

## **A SOCIEDADE DO CUIDADO E AS MUDANÇAS NA PATERNIDADE E NO ENVOLVIMENTO PATERNO**

Ana Barreiros de Carvalho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo definir e explicar os termos *envolvimento paterno e o cuidado com os filhos*, denotando a sua importância na atualidade. Trata-se de um levantamento bibliográfico tendo como fontes de pesquisa livros, artigos e jornais, trazendo uma visão dos principais autores nacionais e internacionais. O tema denota de grande relevância, em função das mudanças na sociedade contemporânea que impelem a família e a sociedade a estruturarem-se de novas formas, buscando a equidade de gênero, a eliminação das desigualdades e a superação das situações de dominação, tanto no mercado de trabalho quanto no ambiente doméstico, passa da dependência imposta para a interdependência assumida e valorizada.

**Palavras Chave:** Envolvimento. Cuidado. Paternidade. Sociedade. Família.

### **ABSTRACT**

This article has the objective to define the terms *involvement and children's care*, denoting their importance nowadays. This is an exploratory bibliography research that uses national and international's books, articles and journals, bringing us, the most important contemporaneous author's ideas about these subjects. *Involvement and care* are very relevant nowadays, because of the changes in contemporary civilization that bring new society and family's structures, in search of gender equate, facing the challenge of reducing dominations at home and in society, and bringing an interdepend and health relation in our society.

**Key Word:** Involvement. Care. Fatherhood. Society. Family.

A compreensão da paternidade perpassa pelo entendimento da sociedade e vice-versa, uma vez que estamos diante de uma nova sociedade e de um novo modelo de pai, impregnados de diversidade, em função de um modelo econômico globalizado, que imprime características de novas estruturas políticas de dominação (implicando a participação, o diálogo e o envolvimento), de desenvolvimento econômico sustentável e de um novo modelo não hierárquico de relações. Dessa forma, trataremos estudar os conceitos de envolvimento paterno e cuidado com as crianças e sua importância para a sociedade e a família contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSal/Universidade de Clark, Massachusetts, USA., Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [abc@uefs.br](mailto:abc@uefs.br)

O estudo do papel do pai com os cuidados dos filhos depara-se com uma diversidade de definições da palavra envolvimento, sendo muitas vezes referida na bibliografia como sinônimo de cuidar. Para Lamb (2004), cuidar é uma subcategoria da palavra envolvimento. Nota-se que ambos os termos, cuidar e envolver tratam da noção de responsabilidade para com alguém ou algo. A palavra envolver significa comprometer, participar, tratando-se, assim, das responsabilidades do pai para com seus filhos no contexto contemporâneo. Segundo Boff, (2005, p.31),

Cuidar das coisas implica ter intimidade com elas, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhe sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com as coisas. Auscultar-lhe o ritmo e afinar-se com ele. Cuidar é estabelecer comunhão. Não é a razão analítica-instrumental que é chamada a funcionar. Mas a razão cordial, o espírito de finesse (o espírito de delicadeza), o sentimento profundo. Mais que o logos (razão), é *opathos* (sentimento), que ocupa aqui a centralidade.

Para Boff, (2005), nós não temos apenas cuidado. Nós somos cuidado. Isto significa que cuidado possui uma dimensão ontológica<sup>2</sup>, quer dizer, entra na constituição do ser humano. É um modo de ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado, deixamos de ser humanos. Somente a partir da estrutura do cuidado, elas se exercem como dimensões do humano. Cuidado, pois, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro.

Segundo Parke (1996), o conceito de envolvimento paterno tem sido utilizado por alguns autores simplesmente como um sinônimo de participação do pai na família, enquanto outros o entendem como um constructo que engloba aspectos como: (a) comportamento do pai, (b) interação com a criança, cuidados, recreação, apoio à esposa, sentimentos do pai – a satisfação com a paternidade, (c) a qualidade da relação pai-criança. Contudo, para esse autor, a falta de uma definição clara e consistente desse conceito tem-se constituído um grande obstáculo para a compreensão do papel do pai.

Em suas primeiras formulações o conceito de envolvimento paterno enfoca

---

<sup>2</sup> Quando diz “constituição ontológica”, significa: entra na definição essencial do ser humano e determina a estrutura de sua prática.

principalmente a quantidade de envolvimento, sem atentar para seu conteúdo e qualidade. Pleck (2004), sugeriu que essa ênfase quantitativa refletia a preocupação dos primeiros pesquisadores que estudaram o pai, os quais, tendo em vista o grande aumento dos índices de divórcios e filhos fora das relações conjugais, buscavam verificar o quanto esses pais “ausentes” reduziam sua participação na vida de seus filhos. Quando os pesquisadores começaram a se interessar por algo além de uma caracterização global do pai como ausente versus presente, a qualidade do envolvimento passou também a ser foco de estudos, iniciando o olhar para os pais e não apenas para os componentes paternos.

Segundo Boff (2005), os dois significados básicos que colhemos da filologia de cuidado nos confirmam que ele é mais que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um “modo-de-ser”, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza nomeado junto com os outros. Melhor ainda: é uma “forma-de-ser” no mundo e, a partir daí, de relacionar-se com as demais coisas. Para esse autor, “Ser-no-mundo” significa uma forma de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas no mundo. Nessa navegação e nesse jogo de relações, o humano vai construindo o próprio ser, a autoconsciência e a própria identidade. Para ele, há dois modos básicos de “ser-no-mundo”: o trabalho e o cuidado. Considerando cada um deles e suas mútuas implicações, daí emerge o processo de construção da realidade humana.

Ainda com relação à definição de envolvimento e cuidado, para Furman et al. (2009, p.13), o cuidado não remunerado “é tipicamente empreendido na família ou com a família estendida ou com amigos”. Segundo Pieiller (2010), os dicionários traduzem o termo cuidado como preocupação ou atenção. Segundo a autora, o conceito foi desenvolvido pelas feministas ao longo dos últimos trinta anos, porém sua definição não é clara, pelo menos para os cartesianos, visto que aí se sobrepõem e se confundem prática e prática. Primeiramente, cuidado designa os cuidados com a pessoa para mostrar tanto a necessidade imperativa quanto a paradoxal desvalorização, confirmadas e reforçadas pelo fato de serem exercidas pelas categorias “dominadas”: as mulheres, os estrangeiros, os pobres.

Entretanto, para Boff (2005), o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de suas conquistas, enfim, de sua vida.

Cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se desprende, de uma atitude fundamental. Cuidado implica um “modo-de-ser” mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude. A atitude de cuidado por uma pessoa pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade por ela.

A definição de envolvimento paterno que encontra o maior número de adeptos no meio dos pesquisadores internacionais é a proposta por Lamb (2004), que o classifica em três dimensões: (a) engajamento, (b) acessibilidade/disponibilidade e (c) responsabilidade. Para o autor, o pai começa a desempenhar numerosas atividades de cuidados, tais como preparar a comida; alimentar os filhos; colocar as crianças na cama para dormir; brincar e muitas outras. Segundo ele, as mães descrevem o envolvimento paterno nas seguintes atividades: (a) provocam sempre as crianças para fazê-las sorrir, (b) trocam fraldas, (c) dançam com as crianças, (d) brincam com os filhos. A paternidade, assim, deixou de incluir somente o papel limitado à figura de provedor para abarcar atitudes de maior envolvimento com os filhos.

Entretanto, a concepção de envolvimento paterno está mais presente no discurso dos estudiosos e da sociedade em geral do que inserida como prática permanente dos pais, o que se constata nos relatórios internacionais e censos dos países (Howes e Start, 2009; Relatório da Organização Internacional do Trabalho – OIT, 2009; OECD Family data base, 2009; dentre outros). Sobre o tempo gasto pelo homem e pela mulher com cuidados com os filhos, Craig (2006 apud FURSMAN; CALLITER, 2009), notou um significativo número de estudos que mostram que a mulher assume uma proporção maior de tempo com as atividades de cuidados dos filhos que os homens, enquanto os pais engajam-se mais facilmente com brincadeiras, conversas e atividades de educação e recreação. No entanto, são inegáveis as transformações do papel masculino na família e o maior envolvimento masculino no cuidado e a responsabilidade para com os filhos foi uma das grandes mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais no Século XX.

São vários os fatores que influenciam o envolvimento do pai com os cuidados da criança. Barker e Verani (2008) relacionam os seguintes: (a) nível educacional e rendimentos; (b) qualidade do trabalho do pai; (c) relacionamento do pai com a mãe; (d) idade da criança; (e) idade e estágio de desenvolvimento do pai; (f) relacionamento que os pais tiveram com

seus próprios pais; (g) políticas de apoio à paternidade e a cultura dos locais de residência e de trabalho, etc.

Park (2000, apud ALLEN; DALY, 2007) argumenta que a natureza do envolvimento paterno muda com o passar do tempo, em função dos estágios de desenvolvimento da criança e do pai. Além disso, existem outros fatores decorrentes da experiência do pai relacionados à etnia, cultura, estrutura familiar, classe social e orientação sexual que também influenciam tal envolvimento.

Segundo Green, (2007), pesquisadores do Departamento de Educação dos Estados Unidos analisaram dados sobre o envolvimento paterno na instrução das crianças numa pesquisa nacional de educadores domésticos. Estas pesquisas descobriram que quando os pais (homens) estão ativamente envolvidos na educação de suas crianças, as mesmas são mais propensas a receberem notas máximas, de gostarem da escola e participarem de atividades extracurriculares. As mesmas crianças estão menos propensas a abandonarem a escola se seus pais estão envolvidos com elas.

Para Barker e Verani (2008) na América Latina e Caribe existem poucos profissionais do sexo masculino inseridos na área de cuidados/educação de crianças pequenas, trabalhando, por exemplo, em escolas primárias e creches. Os autores informam, ainda, que um estudo no Caribe comprova uma forte crença que os homens não sabem cuidar de crianças, ou que se os homens tiverem maior contato com as crianças, existirá um grande risco de abusos físicos ou sexuais.

Com relação ao trabalho doméstico, um estudo realizado na Nicarágua sugere que 90% do trabalho doméstico é realizado por mulheres. No Brasil, segundo o IBGE (2007), 91% das mulheres realizam trabalho doméstico enquanto apenas 51% dos homens realizam esse tipo de trabalho.

Como informado anteriormente, o foco das pesquisas sobre envolvimento paterno nos anos 80 era a quantidade de cuidado, hoje, tanto os aspectos qualitativos, quanto quantitativos são estudados. Hofferth (1999 apud CABRERA, 2004), criou a teoria que define o envolvimento segundo quatro fatores: (a) tempo gasto; (b) monitoramento e controle; (c) aconchego e afeto e (d) responsabilidade. Lamb (2004) traduz o envolvimento como função

da aproximação do pai com a criança. Coleman (1988) associa o envolvimento com a teoria do capital social e descreve três tipos de capital baseado na família: (a) capital financeiro, (b) capital social da família (ou a preparação da criança) e (c) capital comunitário que é aquele que está enraizado na família e se refere à promoção da ligação com o mundo mais amplo: (1) servindo de defensores das crianças na escola e em outros locais; (2) compartilhando suas próprias redes com suas crianças ou integrando o adolescente ao mercado de trabalho; (3) compartilhando seu conhecimento de como negociar a entrada da criança no mundo adulto, por exemplo, sabendo como agir em uma entrevista de emprego.

Segundo Cabrera et al. (2010), pesquisas sobre a definição de “bom pai” têm-se proliferado durante os últimos dez anos, porém as pesquisas sobre questões metodológicas e da medição sobre como recrutar e entrevistar o pai têm progredido pouco. Para eles, algumas limitações das antigas abordagens tais como a utilização das mães como as mais próximas aos pais, a abordagem do pai genérico em lugar do pai especificado pela criança, generalização das pesquisas apenas na classe média, a validação dos dados autodeclarados pelo pai e a definição dicotômica do pai ausente versus presente têm dificultado esta medição. Cabe destacar que muitas investigações a respeito das mudanças relativas à paternidade, bem como seus efeitos sobre os filhos, foram realizadas pela observação dos comportamentos dos pais com suas crianças.

Ainda segundo os autores, o governo Clinton (1992-2000) solicitou à Agência Federal de Estatísticas sobre Criança e Família a promoção do envolvimento do pai nos programas e políticas para fortalecer e realçar a importância dele na vida das crianças, como também solicitou a promoção da coleta de informações sobre o mesmo. Com base nessas solicitações, foi criado o Programa de Pesquisas Nacionais sobre o Pai (DADS) que englobava dois projetos: (a) Tornar-se Pai e (b) Sendo Pai. O projeto “Tornar-se Pai” englobou três *surveys*: (a) *Survey* Nacional Longitudinal sobre Juventude; (b) *Survey* Nacional sobre Crescimento da Família e (c) *Survey* sobre Saúde do Adolescente. Em todas essas pesquisas foi abordada a temática tornar-se pai. No segundo projeto denominado “Sendo Pai”, foram realizadas também três pesquisas: (a) *Survey* Nacional sobre Crianças Pequenas e Paternidade; (b) *Survey* Nacional sobre Crescimento da Família e (c) Estudo Longitudinal sobre Criança, sendo que em todas estas pesquisas foi abordada a temática “Sendo Pai”. Após a realização dessas pesquisas, foi estabelecido o “Fórum Federal de Interagência de

Estatísticas sobre Criança e Família” (1998) com os seguintes objetivos: (a) construir metodologia científica e teoria unificada sobre paternidade; (b) criar itens de medição sobre envolvimento paterno e (c) validar estas medições. Como metas foram alcançadas a publicação de um relatório sobre estas pesquisas; publicação de indicadores de paternidade; inclusão, nas pesquisas nacionais e na coleta de dados de rotina, das medidas sobre quando os pais moram com os filhos e sobre a interação pai-criança; inclusão dos dados sobre pai residente e não residente e a influência da interação pai-filho no desempenho escolar da criança nas pesquisas nacionais.

Atualmente, encontra-se nos Estados Unidos uma Campanha Nacional orquestrada pelo Presidente Obama e disponível no site da Câmara Nacional para a Paternidade Responsável e no site [www.fatherhood.gov](http://www.fatherhood.gov), que traz a seguinte mensagem:

A ausência do pai é uma crescente crise na América, constituindo-se em um dos mais importantes desafios que as famílias enfrentam. Quando os pais não estão por perto, os jovens são mais propensos a abandonar a escola, a usar de drogas, a estarem envolvidos no sistema de justiça criminal, e a se tornarem pais precocemente. O Presidente Obama cresceu sem seu pai, e disse que ser pai é o trabalho mais importante que ele tem. É por isso que o presidente está se juntando a pais de todo o país em uma promessa de paternidade - um compromisso de fazer tudo o que é possível no presente pelas crianças e jovens americanos cujos pais não estão por perto. Quando você se engajar na campanha do presidente sobre Paternidade, você receberá atualizações, dicas e recursos de organizações proeminentes sobre paternidade, e formas de apoio à paternidade responsável em toda nação americana.

Para Allen e Daly (2007), capturar e medir a natureza multidimensional do envolvimento paterno é um desafio significativo que deve ser estruturado a partir da relação pai-mãe-criança ou numa visão sistêmica, em lugar de apenas focalizar-se a díade relacional pai-criança uma vez que, muitas vezes o pai funciona como fonte de apoio emocional e prático para as mães, melhorando a qualidade do relacionamento mãe-criança e facilitando o desenvolvimento infantil, adicionalmente, o pai influencia indiretamente a criança através de seu capital social acumulado, permitindo-lhe acesso a privilégios, renda e rede social.

Teorias sobre envolvimento são trazidas por Pleck (2010), a exemplo dos estudos sobre a investigação do estilo parental; a teoria que estuda o calor da reciprocidade; o conceito de envolvimento a partir dos processos proximais de Bronfenbrenner, que faz uma analogia do processo proximal com um jogo de pingue-pongue entre a criança e sua parceira do

microsistema, mas onde o movimento de volta da bola fica crescentemente mais complexo, e no qual o parceiro do microsistema mais maduro gradualmente introduz movimentos mais complexos e recíprocos, sendo a dimensão afetiva um componente da responsividade. Várias outras teorias são apresentadas por Cabrera et al (1999), a exemplo de Volin e Belski (1991), que traduz o envolvimento como função da interação das respostas entre pai e filho; Snarey (1993), que estabelece o conceito de envolvimento como função do desenvolvimento intelectual da criança, do seu desenvolvimento social e físico; Palkovitz (1997) que estuda o envolvimento através de três dimensões: cognitiva, afetiva e comportamental.

Segundo Christiansen e Stueve (2007), Erik Erikson criou o conceito de "generatividade" definido como interesse e cuidado pelas próximas gerações. Erikson argumentou que ser pai é a primeira oportunidade para desenvolver esse senso de cuidado e respeito pela nova geração.

Conforme Palkovitz (1997), o conceito de envolvimento paterno é definido e medido de variadas formas. Para ele, a minoria dos modelos deficientes de paternidade advém de uma visão limitada, estreita e míope do conceito de envolvimento e existe a necessidade de se expandir e reconstruir o entendimento do conceito de paternidade. Segundo o autor, antes de 1986 o conceito de paternidade era unidimensional, limitava-se a definir a presença ou ausência do pai. A partir de 1986, com a tipologia tripartite de Lamb, a paternidade foi definida segundo os critérios de interação, acessibilidade e responsabilidade.

Palkovitz (1997) refere que a visão distorcida da paternidade advém de crenças equivocadas como: (a) Quanto mais envolvimento, melhor (alguns pais podem preferir compartilhar com seus filhos atividades que podem não parecer envolvimento, a exemplo de uma pescaria); (b) Envolvimento requer aproximação (o pai pode estar ausente, porém fazendo muitos planos para o futuro da criança); (c) O envolvimento pode ser observado e medido (às vezes o aumento do envolvimento pode ser demonstrado com a diminuição da presença a exemplo de quando se dá liberdade à criança para realizar algumas tarefas); (d) O nível de envolvimento é estático, simultâneo e previsível (muitas vezes o pai pode ter horários de trabalhos variados de acordo com a escala estabelecida pela empresa); (e) Padrões de envolvimento podem ser iguais em diferentes culturas; (f) As mulheres são mais envolvidas que os homens (às vezes os homens gastam mais tempo brincando com as crianças que as

mulheres cuidando dos mesmos).

Conforme Allen e Daly (2007), o envolvimento paterno passou a ser um constructo multidimensional, complexo, dinâmico, direto e indireto. Assim, Palkovitz (1997) apresenta o conceito expandido de paternidade segundo 15 fatores, classificados em três categorias que são: cognição, afeição e comportamento. Os 15 fatores de envolvimento paterno incluem: (a) comunicar (ouvir, falar, demonstrar amor); (b) ensinar (modelar o papel, encorajar, mostrar interesse, participar de atividades); (c) monitorar (amigos e tarefas escolares); (d) processos cognitivos (preocupar, orar); (e) cuidar (alimentar, dar banho); (f) compartilhar interesses (ler junto); (g) estar disponível; (h) planejar (atividades, aniversários); (i) compartilhar atividades (comprar, brincar); (j) prover (alimentos, roupas); (k) dar afeto; (l) proteger; (m) dar suporte emocional (encorajar a criança); (n) manter e (o) acompanhar.

Ainda segundo Allen e Daly (2007), existe um paradoxo entre as exigências feitas e as possibilidades oferecidas aos pais. Quando o pai insiste em tornar-se participante, surge a falta de reconhecimento pelo seu engajamento nesse cuidado. Não apenas a mãe, mas a sociedade como um todo, costuma não valorizá-lo. Esta prática de exclusão legitima as representações que o pai é incapaz de cuidar ou tratar das questões inerentes ao filho, colocando-se como apoio à mãe e provedor. Apesar das dificuldades, segundo Barker e Verani (2008), pesquisas na América Latina confirmam que os pais estão mais envolvidos com a recreação e brincadeiras do que com os cuidados das crianças. Para os autores, algumas pesquisas têm sugerido que na Europa e nos Estados Unidos o número de horas que os homens estão dedicando aos cuidados de suas crianças está aumentando.

No Brasil, conforme Cerveny e Chaves (2008), pesquisas relativas à dinâmica da família apontam que ainda prevalece a imagem do pai como provedor financeiro da família e a mãe como provedora emocional, mesmo que pai e mãe sejam profissionais com idênticas jornadas de trabalho. Por outro lado, estudo com crianças em dois contextos brasileiros (os Estados de São Paulo e Bahia), desenvolvido por Carvalho, Rabinovich e Moreira (2010) revela que o pai tem sido identificado como alguém que brinca e transmite afeto, porém, na população de baixa renda ainda predomina o papel tradicional de provedor.

Parece que o cuidado das crianças se transformou num divisor de águas que distingue os pais. O pai “de verdade” está disponível, participa. A partir dessas considerações é muito

fácil se estabelecer uma nova dicotomia – hierarquizada, restritiva e artificial: pai tradicional versus novo pai (e adicionalmente, ligar o novo pai a um hipotético novo homem).

Para Oliveira (2007, p.233), no que se refere às atividades domésticas, “ainda que arranjos formais igualitários sejam ensaiados quando do início da coabitação, as mulheres acabam assumindo mais intensamente as tarefas domésticas que são acrescidas pela presença do bebê”. Para a autora, a experiência masculina revela dificuldades em encontrar um *script* de gênero que se acomode às demandas sobre o tempo masculino, ainda comandado pelos projetos de sucesso profissional dos homens.

As pessoas estão inseridas numa cultura que modela suas atitudes e crenças e suas percepções sobre ambos o que é possível e o que é apropriado. Existem problemas significativos em separar os efeitos da cultura e da prática. Um exemplo óbvio é quando nos referimos ao ambiente organizacional que prioriza a mulher como cuidadora. (FURSMAN; CALLISTER, 2009, p.14)

Assim, para Lipovetsky (2007) as mulheres mantêm relações privilegiadas com a ordem doméstica, sentimental ou estética porque essas relações se ordenam de tal maneira que funcionam como vetores de identidade, de sentido e de poder privados.

Para Hennigen e Guareschi (2002), a apregoada divisão de tarefas domésticas surge no contexto do movimento feminista e é respaldada por teorias que encontram nas práticas domésticas não só a explicação para as diferenças de gênero, mas também a possibilidade do estabelecimento de um novo modelo de relação, baseado na colaboração e complementação entre parceiros, à medida que homens e mulheres compartilharem, igualmente cuidados e responsabilidades aos filhos.

As mulheres têm forte influência sobre o tempo que o homem gasta com cuidados de suas crianças, porque elas são parceiras e muitas vezes facilitadoras no relacionamento pai-criança, Fursman e Callister (2009). Para os autores existe a necessidade de um suporte maior para a participação dos homens nos cuidados dos filhos, e citam o exemplo dos países nórdicos que possuem políticas generosas nesta área. Uma análise dessas políticas nacionais e de outros países europeus tem mostrado uma correlação positiva entre as políticas favoráveis à licença paternidade e à quantidade de tempo que o pai passa com suas crianças. Adicionalmente, numerosos estudos têm demonstrado que o homem que tem licença paternidade é mais preparado para integrar-se com os cuidados das crianças, após tal período,

do que os homens que não tiveram esse benefício. Segundo Pieller (2010, p.33):

De modo mais amplo, as teorias do cuidado questionam o conceito de “dependência” e postulam que os doentes, crianças, idosos e deficientes não são os únicos a entrar na categoria de pessoas que não são autossuficientes. A dependência seria, na realidade, própria do ser humano que precisa do outro física, social e espiritualmente para se tornar e permanecer humano. A criança depende da mãe, o assalariado de seu empregador, a própria identidade se elabora no contexto das relações interpessoais, que são, essencialmente, relações de dependência.

Assim, nota-se no interior da família contemporânea o confronto de duas forças antagônicas e complementares que permeiam o processo de desenvolvimento capitalista que são o individualismo e a colaboração. Promover a igualdade dos sexos requer engajamento do homem nas necessidades e cuidados dos outros. Mas o homem pode e deve ter interesse próprio na mudança. O engajamento positivo como pais e cuidadores é um poderoso fator de motivação, frequentemente esquecido, para que os homens tornem-se mais envolvidos, de forma positiva, na vida de suas famílias e na sociedade.

Conforme Pieiller (2010), uma “sociedade do cuidado” destinada a eliminar as desigualdades, superar as situações de dominação, passa da dependência imposta para a interdependência assumida e valorizada. A dependência não poderia ser mais considerada como patologia ou um sintoma de fracasso: ela cristaliza, questiona a interdependência generalizada dos humanos, cuja natureza implica vulnerabilidade e necessidade. Segundo a autora, o que se insinua é uma ruptura. Com essa “atenção aos outros”, apresentada como valor central da sociedade e do indivíduo, de agora em diante a comunidade tem dever de ajudar, ouvir e entender, caso contrário, a sociedade pratica não somente a injustiça, mas até mesmo a exclusão.

Para Bradford (2002), o envolvimento paterno é um constructo multidimensional que inclui afeto, cognição e componentes éticos, tanto quanto componentes observáveis do comportamento, e que inclui também formas indiretas de envolvimento (ex: prover, ajudar a mãe). Brotherson, (2007) questiona sobre o que o pai deve fazer para gerar um relacionamento forte e próximo entre ele e a criança e responde que o pai deve: (a) compartilhar atividades; (b) participar de atividades de recreação com a criança; (c) ensinar brincando; (d) trabalhar junto com a criança; (d) participar de eventos da criança; (e) atender às necessidades da criança; (f) propiciar à criança experiências inesquecíveis que a ajudarão a

crescer e se tornar madura; (g) realizar atividades espirituais com a criança; (h) expressar amor; (i) compartilhar tradições familiares consistentes e agradáveis e (j) compartilhar histórias e memórias.

Green (2007) descreve a importância do envolvimento paterno no desenvolvimento da habilidade de alfabetização da criança, segundo ele pesquisas recentes, nos Estados Unidos, têm comprovado que as crianças desenvolvem suas habilidades de leitura durante os primeiros estágios da infância e que a prática da leitura interativa e em voz alta para a criança, é a estratégia mais eficaz para promover o aprendizado da linguagem e de habilidades literárias da criança do nascimento até a idade de cinco anos. Para Green, (2007, p.136) “estudos realizados com crianças no início de suas vidas concluíram que desde as seis primeiras semanas de vida elas se interessam pela leitura com os pais e, quando os pais engajam-se com seus filhos nessa tarefa, eles promovem o desenvolvimento prematuro dessa habilidade”.

Segundo esse autor, para se estabelecer o hábito da leitura deve-se: (a) marcar uma hora especialmente para essa atividade todos os dias com a criança; (b) ler livros que focam nos três R's: ritmo, rima e repetição; (c) ler e reler uma variedade de livros (livros de história, livros de informações, livros de alfabetização); (d) ajudar a criança a identificar letras do alfabeto e seus sons correspondentes; (e) mostrar a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas; (f) ensinar à criança que a escrita é realizada de cima para baixo e da esquerda para a direita; (g) ensinar à criança vários detalhes do livro (título, autor, ilustrações, capa da frente e de trás); (h) ensinar a criança sobre a distinção das cores, formas e tamanhos dos objetos que se encontram no livro; (h) fazer perguntas analíticas (ex.: o que a criança está fazendo nesta página?); (i) ler e a criança ajudar a passar a página; (j) perguntar à criança o que vai acontecer na história; (l) parar no meio da sentença e pedir que a criança continue.

Os pais que enfrentam circunstâncias de distanciamento involuntário tais como viagens constantes a trabalho, pais encarcerados ou separados podem: (a) ler livros e outros materiais impressos por telefone; (b) gravar sua voz lendo em um áudio ou vídeo cassete e enviar a fita para a criança; (c) designar um dia especial da semana como a "noite da leitura" com o papai e (d) escrever histórias para ou com crianças que podem ser lidas à distância por correio ou e-mail. Os pais que se esforçam para passar um tempo junto com suas crianças em

atividades de leitura, mesmo à distância, irão aprender mais sobre seus filhos e fortalecerão a qualidade de seus relacionamentos.

Green (2007, p.139) sugere que para incentivar a comunicação do pai com a criança através da leitura ele pode: (a) discutir os tópicos de interesse da criança e selecionar livros para a leitura que sejam educativos e interessantes; (b) fazer uma excursão a livrarias ou bibliotecas ou fazer uma biblioteca em casa para disponibilizar bons livros para a leitura; (c) discutir o significado de certos eventos tanto quanto as diferentes características do protagonista e do antagonista; (d) fazer perguntas à criança que a façam refletir sobre o significado da história que foi lida e como isso pode ser aplicado em sua vida; (e) fazer e responder perguntas de natureza ética e moral durante ou após a leitura ex.: como você acha que o garoto se sentiu quando o seu irmão o humilhou? E como ele poderia ter respondido de forma diferente?

Compartilhar a experiência de ler um livro com a criança dá ao pai a oportunidade de interagir com a criança em múltiplos domínios do desenvolvimento: físico, intelectual, social e emocional. Pais podem interagir com suas crianças: (a) Deixando as crianças pequenas passarem as páginas do livro e deixando-as sentar em seu colo; (b) estabelecendo uma rotina diária de leitura logo antes dela ir para a cama; (c) selecionando livros de humor que permitam ao pai e a criança a chance de sorrirem juntos; (d) compartilhando pensamentos e sentimentos sobre o livro à medida que se processa a leitura (GREEN, 2007, p.139).

Dessa forma, nota-se que as mudanças ocorridas na sociedade tornam o pai mais próximo e amigo do seu filhos. O papel do pai, que foi milenarmente estabelecido como provedor e disciplinador, agora torna-se um novo papel de nutridor e cuidador. Estas mudanças tornam-no único na história da humanidade. Não existe um ponto de chegada singular para a competência dos homens na paternidade e, para Cabrera (2000) o envolvimento paterno representa um capital social e humano que determinará a capacidade de absorção da economia no futuro e minimizará a atual dificuldade dos homens tornarem-se provedores, e, para tal, é importante a integração de esforços entre pesquisadores, políticos e profissionais no sentido de auxiliarem as famílias a ajudarem a si mesmas.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Sarah; DALY, Kerry. **The effects of father involvement: an updated research summary of the evidence**, Canada, Public Health Agency of Canada and the Social Sciences and Humanities Research Conference, 2007, Ontário, Centre for Families, Work & Well-Being, University of Guelph. Disponível em: <[http://www.fira.ca/cms/documents/29/Effects\\_of\\_Father\\_Involvement.pdf](http://www.fira.ca/cms/documents/29/Effects_of_Father_Involvement.pdf)>. Acesso em: Set. 2009.

BARKER, Gary; VERANI, Fabio. **Men's participation as fathers in the Latin American and Caribbean Region: a critical literature review with policy considerations**, Rio de Jan. 2008. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/Pesquisa/Artigos/DOC%20ING%20Paternidade.pdf>>, Acesso em jul. 2009

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: principio de um novo ethos. **Revista Inclusão social**, Brasília, v.1, n.1, p. 28-35, out/mar. 2005.

BRADFORD, A. et.al. The inventory of father involvement: a pilot study of new measure of the father involvement, New York: **The Journal of Man's Studies**, vol. 10, no. 2, p. 183-196, winter 2000.

CABRERA, Natasha et.al. Fatherhood in twenty-first century, **Child Development**, Vol. 71, n.1, p. 127-136, Jan/Feb, 2000.

CERVENY, Ceneide; CHAVES, Ulisses. **Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio**, 2008. Disponível em: <<http://www.xa.yimg.com/.../Pai+Quem+é+este+A+vivência+da+paternidade+no+novo+milênio+-+Ceneide.doc>>. Acesso em maio de 2009.

CHRISTIANSEN, Shawn L.; STUEVE Jeffrey. **Father's love and care: impact of father's sacrifice for himself and for children**. In: Why Fathes Count, BROTHERSON, Sean E. e WHITE, Joseph. Tennessee: Men's Studies Press LLC, Harriman, 2007. p. 27 a 40.

FURSMAN, L. E CALLISTER, P. **Men's participation in unpaid care: a review of literature**. New Zeland, Ministry of Women's Affairs, Department of Labor, 2009. Disp available in: <[www.dol.govt.nz](http://www.dol.govt.nz)>. Acesso em out. de 2009.

GREEN, Stephen D. **Exploring new worlds together, reading, relationships, and father involvement**. In: BROTHERSON, Sean; WHITE, Joseph M. Tennessee: Men's Studies Press, 2007. p. 27 a 40.

HENNIGEN, Inês.; GUARESCHI, Neuza. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 44-68, jan./jun 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a04.pdf>. Acesso em jan.20019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílios – PNAD**, Brasília, 2007. Disponível em: [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerenda/pnad2007/graficos\\_pdf.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerenda/pnad2007/graficos_pdf.pdf). Acesso em 12 de jul. 2012.

LAMB, E. MICHAEL, **The role of the father in child development**. New Jersey: Wiley, inc., 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SEBASTIEN, Charles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2007.

OLIVEIRA, Maria Coleta. **O lugar dos homens na reprodução**. Buenos Aires, publicação: Genero, familias y trabajo: rupturas e continuidades. Desafios para la investigación política, In: Guitérrez, Maria Alicia. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. disponible em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/grupos/gutierrez/10Oliveira.pdf>. Acesso em maio 2009.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – Paris, **OECD Family database - Social policy division - directorate of employment, labour and social affairs**, 2009. available in: <[www.oecd.org/els/social/family/database](http://www.oecd.org/els/social/family/database)>. Access in: May. 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, **Trabalho e família: rumo a novas formas de conciliação com corresponsabilidade social** /. - Brasília: OIT, 2009, 150 p. Disponível em: <<http://www.ilo.org/global/lang--en/index.htm>>. Acesso em: nov.2009.

PALKOVITZ, Rob. **Reconstructing “involvement: expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families**, 1997. University of Delaware, Newark, Disponível em: <<http://copland.udel.edu/~robp/downloads/reconstructing%20involvement.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PARK, Ross D.; BROTT, Armim A. **Throwaway dads: the myths and barriers that keep men from being the fathers they want to be**. New York: Houghton Mifflin, 1996

PIELLER, Evelyn. Rumo à sociedade do cuidado, São Paulo, **Le Monde Diplomatique Brasil**, set. ano 4 n. 38, p.32-33, 2010.

PLECK, Joseph H.; STUEVE, Jeffrey. **A narrative approach to parental identity: The importance of parental identity “jointness.”** In: DAY, Randal D. & LAMB, Michael E. (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement*, New Jersey: Lawrence Erlbaum, p. 83-108, 2004.

SNAREY, John, **How fathers care for the next generation: A four-decade study**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

VOLLING, Brenda L.; BELSKY, Jay. The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study, **Child Development Journal**, USA., Willey, v.63, p.1209-1222, 1992.